

Ricos sentem mais efeitos da crise, diz pesquisa da FGV

(Não Assinado)

São paulo - As classes A e B foram as que mais perderam renda proveniente do trabalho entre outubro e dezembro do ano passado, período pós-agravamento da crise financeira. De acordo com pesquisa divulgada pela Fundação Getulio Vargas (FGV), entre outubro e dezembro de 2008, apenas 74,9% destes indivíduos mantiveram suas condições econômicas, contra a marca de 80,9% que conseguiam permanecer nas classes até o mês de setembro. A maior parte dos dissidentes - 4,41 pontos percentuais - migrou para a classe C, seguido pela classe E (1,34 ponto).

A movimentação foi bem menos intensa entre os participantes da classe C. O levantamento mostra que até setembro do ano passado, 81,6% dos indivíduos permaneceram na chamada classe média. Entre outubro e dezembro, 81,8% continuavam fazendo parte da classe C. Já para os mais pobres do País, membros da classe E, o período de crise significou melhora de condições econômicas.

Entre janeiro e setembro de 2008, 60,3% das pessoas não conseguiam subir de classe. Nos três últimos meses do ano passado, no entanto, este grupo recuou para 58,54%. "Esta foi uma crise pró-pobre e contra os mais ricos", observa o responsável pela pesquisa, Marcelo Neri.

A FGV usou como base para os seus cálculos a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), calculada pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE). Pelos parâmetros da PME, é levado em consideração apenas a renda oriunda do trabalho. São excluídos, portanto, aposentadorias e o programa Bolsa-Família.